

OS GRANDES DESAFIOS DA FORMAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

Dr. Pe. André Marmilicz

Através desta minha fala, no início do ano letivo de 2018, eu gostaria de motivá-los para a importância da dimensão intelectual na vida do futuro presbítero. O estudo assume um teor de magnitude, frente aos grandes desafios que a pós-modernidade nos apresenta. Talvez nunca na história do cristianismo foi tão difícil exercer este ministério. Para que ele seja crível, requer dos futuros sacerdotes, uma solidez e preparação nas diversas áreas que envolvem o ser humano. De modo especial, os futuros sacerdotes devem ter uma sólida preparação intelectual para um diálogo com o homem contemporâneo.

I – Formação intelectual a partir de PDV

Afirma o doc. PDV nº 51: “a formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio encontra a sua específica justificação na própria natureza do ministério ordenado e manifesta a sua urgência atual de frente ao desafio da ‘nova evangelização’, à qual o Senhor chama a Igreja, no limiar do terceiro milênio”. E continua: “se já cada cristão deve estar pronto a defender a fé e a dar a razão da esperança que vive em nós, com muito maior razão os candidatos ao sacerdócio e os presbíteros devem manifestar um diligente cuidado pelo valor da formação intelectual na educação e na atividade pastoral, dado que, para a salvação de irmãos e irmãs, devem procurar um conhecimento cada vez mais profundo dos ministérios divinos”. E mais: “além disso, a situação atual, profundamente marcada pela indiferença religiosa e ao mesmo tempo por uma difusa desconfiança relativamente às reais capacidades da razão para atingir a verdade objetiva e universal, e pelos problemas e questões inéditos provocados pelas descobertas científicas e tecnológicas, exige prementemente um nível excelente de formação intelectual, que torne os sacerdotes capazes de anunciar, exatamente num tal contexto, o imutável Evangelho de Cristo, e torná-lo digno de credibilidade diante das legítimas exigências da razão humana”.

O curso de Filosofia é um momento essencial, pois leva a uma compreensão e interpretação mais profunda da pessoa, da sua liberdade, das suas relações com o mundo e com Deus. Somente uma sã filosofia pode ajudar os candidatos ao sacerdócio a desenvolverem uma consciência reflexiva da relação constitutiva existente entre o espírito humano e a verdade, essa verdade que se nos revela plenamente em Jesus Cristo. Se não se está certo da verdade, como é possível pôr em jogo a própria vida inteira e ter força para interpelar, a sério, a vida dos outros?

A formação intelectual do futuro sacerdote baseia-se e constrói-se, sobretudo, sobre o estudo da Teologia. Dizem os padres sinodais: “a verdadeira teologia provém da fé e quer conduzir à fé”. O teólogo é, antes de mais nada, um crente, um homem de fé. Mas é um crente que se interroga sobre a própria fé, e fá-lo com o fim de atingir uma compreensão mais profunda da própria fé. A reflexão teológica encontra o próprio centro na adesão a Jesus Cristo, Sabedoria de Deus. A teologia possui uma dimensão eclesial, porque é uma reflexão madura sobre a fé da Igreja, realizada pelo teólogo que é membro da Igreja. Por outro lado, não se pode descuidar da cientificidade rigorosa de cada uma das disciplinas teológicas

ajudando assim para uma formação mais completa e profunda do pastor de almas como mestre da fé.

PDV conclui dizendo, no nº 56: “é necessário contrariar decididamente a tendência a reduzir a seriedade e exigência dos estudos, que se manifesta em alguns contextos eclesiais, como consequência já de uma preparação de base insuficiente e lacunosa dos alunos que iniciam o currículo filosófico e teológico. É a própria situação contemporânea a exigir que os mestres estejam cada vez mais à altura da complexidade dos tempos e em condições de afrontar, com competência, clareza e profundidade de argumentação, as carências de sentido dos homens de hoje, às quais apenas o evangelho de Jesus Cristo dá resposta cabal”.

II – Os grandes desafios para a evangelização

O Papa Francisco, no doc. EG, apresenta os enormes desafios para a evangelização dentro do contexto atual. Cito alguns que exigem do futuro presbítero uma posição firme e fundamentada:

1) Uma globalização da indiferença. Por detrás está o dinheiro, o novo bezerro de outro que reduz o ser humano a apenas uma necessidade: o consumo. Ao dinheiro, vem juntar-se uma corrupção ramificada e uma evasão fiscal e egoísta. A ambição do ter e do poder não conhece limites. O futuro presbítero deverá estar preparado para mostrar a importância da vivência em comunidade. Para isso, ele mesmo deve ser um homem de relações, capaz de suscitar nas pessoas a empatia, a misericórdia e a partilha.

2) O crescente número de novos movimentos religiosos, alguns de tendência fundamentalista e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Procuram ali soluções imediatas aos seus problemas e a um vazio que toma conta deles. Isso se deve também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades. Em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como a sacramentalização sem outras formas de evangelização.

3) Sem o aspecto religioso dominante, produziu-se um enfraquecimento do sentido do pecado social e pessoal e um aumento progressivo do relativismo. Este relativismo se une constantemente a uma confiança nos direitos absolutos dos indivíduos. Torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento dos valores. Torna-se fundamental um clero preparado que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores. Isso requer um estudo aprofundado da palavra de Deus, capaz de unir a exegese e a hermenêutica.

4) O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. Vivemos numa sociedade líquida, como diz o saudoso Bauman, onde tudo se dissolve rapidamente, sem solidez, sem profundidade. Tudo é permitido, porque a esfera individual acaba imperando sobre aquela comunitária. Mais que princípios, o importante é aquilo que vale para mim neste momento. Daí advém o mundo de relações pautado sobre o desejo do momento, o famoso ‘fico’ feito apenas de envolvimento sem compromissos. O

futuro sacerdote, um homem de relações, será um defensor dos princípios evangélicos, pautados no amor ao próximo.

Neste campo, as ciências humanas têm muito a nos ensinar, de modo especial a Antropologia, Psicologia, Sociologia e Pedagogia. Elas nos ajudam a entender melhor o ser humano, o seu comportamento, o mundo das relações e como intervir dentro do contexto atual para ajudar as pessoas a serem mais sólidas, construindo um amor mais sólido e fiel.

III – Formar para que tipo de Igreja?

O Papa Francisco proclamou, em 2016, o Ano da Misericórdia como antídoto contra todo tipo de indiferença. São muitos os desafios que cercam e acompanham uma Igreja com o rosto misericordioso de Deus. É preciso mudar as estruturas, onde o povo vinha ao encontro da Igreja, e ir ao encontro dos afastados, dos marginalizados e ser uma presença viva no seu meio. Ou a Igreja vai ao encontro das pessoas, ou a Igreja está condenada a morrer. Ela não pode mais ficar fechada na sacristia, mas deve se deslocar para os lugares mais sofridos e necessitados. Diz o Papa: “uma igreja como um hospital de campanha, onde se curam prioritariamente as feridas mais graves. Uma Igreja que aqueça o coração das pessoas com sua presença e proximidade”. Este deverá ser o sacerdote do futuro, um homem, a exemplo de Jesus, com um coração pautado pela misericórdia.

Os sacerdotes do século XXI deverão ser formados para um novo modelo de Igreja que responda às urgências na ação evangelizadora de acordo com as suas peculiaridades. Uma Igreja ‘em saída’ é convocada a superar uma pastoral de mera conservação ou manutenção, para assumir uma pastoral decididamente missionária, numa atitude que é chamada de conversão pastoral. O doc. nº 102 apresenta cinco urgências na evangelização que precisam estar presentes nos processos de planejamento pastoral das Igrejas particulares e instituições eclesiais. Cito apenas: uma Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades e Igreja a serviço da vida plena para todos.

À luz das reflexões do Papa Francisco, o papa da misericórdia, podemos afirmar que os sacerdotes do século XXI deverão ser formados para fazer resplandecer um novo modelo de Igreja. O estudo deverá ser indicativo para responder a estes desafios. Que tipo de Igreja para responder à evangelização no mundo pós-moderno?

3.1 Uma Igreja acolhedora

A acolhida é a porta de entrada da Igreja. Todos gostam de ser bem acolhidos e quando tratados deste jeito, tendem a voltar. Do contrário, abandonam e se afastam muitas vezes para sempre.

No doc. 100, “Comunidades de comunidades. Uma nova paróquia”, entre os números 257-262, encontramos o grande desafio da acolhida. Há quem comunga o Cristo na Eucaristia e despreza seu irmão de comunidade com palavras, gestos e omissões. A missão que se impõe às comunidades é rever o relacionamento humano que nelas se estabelece. A alegria, o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna são apenas alguns indicativos para essa revisão.

É preciso dizer sim às relações novas geradas por Jesus Cristo. Somos desafiados a descobrir e transmitir a 'mística' de viver juntos, de misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos e participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Sair de si mesmo para unir-se aos outros faz bem.

O evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e as suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura.

Comunidade missionária é comunidade acolhedora. Diante do grande número de batizados afastados da vida comunitária urge exercer melhor a acolhida, dialogando e propondo caminhos àqueles que se sentem distanciados.

Acolher melhor é uma tarefa urgente, especialmente das secretarias paroquiais, superando a burocracia, a frieza, a impessoalidade e estabelecendo relações mais personalizadas. Afinal, a secretaria paroquial é uma porta de entrada para a comunidade.

Diz o Papa para os padres confessores para que "pense nos seus pecados, que escute com ternura, que peça ao Senhor para lhe dar um coração misericordioso, como o Seu, que jamais atire a primeira pedra, porque também ele é um pecador necessitado de perdão. E que tente assemelhar-se a Deus na sua misericórdia".

A Pastoral da Acolhida assume uma importância muito grande. Quantas pessoas chegam do interior e precisam ser acolhidas pela Igreja. Existem também outros momentos fundamentais onde a Igreja precisa chegar com a sua acolhida, por exemplo, diante da morte, do nascimento, dos sofrimentos de modo geral.

Diante da pergunta sobre os homossexuais, o Papa responde: "se nem Jesus condenou, quem sou eu para julgar?" Em vez de julgar, diz o Papa, a Igreja precisa hoje ter a capacidade de curar feridas e aquecer o coração dos fiéis. A Igreja precisa de intimidade e de proximidade.

3.2 Uma Igreja que escuta

Diz o Papa: "as pessoas procuram, sobretudo, alguém que as escute; alguém disposto a dar seu tempo para ouvir os seus dramas e as suas dificuldades. É o que eu chamo 'o apostolado do ouvido'. Tenho que dizer aos confessores: falem, escutem com paciência e, antes de tudo, digam às pessoas que Deus as quer bem".

O doc. 100, entre os números 263-267, fala da importância da escuta do outro para conhecer suas angústias e esperanças. A verdade é que muitas pessoas procuram a Igreja nos momentos difíceis. É preciso então preparar pessoas leigas e consagradas que tenham o dom de escutar, para acolher aqueles que procuram a comunidade. O aconselhamento pastoral a ser dado por pessoas habilitadas é uma urgência nas paróquias. Mas não se trata de uma simples escuta, mas de proximidade e acompanhamento das pessoas.

Para acolher a todos é necessário receber cada pessoa na sua condição religiosa e humana sem colocar, de imediato, obstáculos doutrinários ou morais para a sua chegada. Na pedagogia divina, o abraço materno da Igreja vem antes de tudo.

Precisamos aprender a escutar, o que geralmente não é nada fácil. Hoje se fala muito da escuta empática, no sentido de compreender e sentir com o outro. Está bem próximo daquilo que é a compaixão, 'con patire', sofrer com, sofrer junto.

Precisamos aprender a escutar de modo empático, e isto significa abrir-se à realidade do outro, buscando compreender o que ele está nos dizendo e sentir o drama do outro como se fosse o seu próprio drama. Isso não é fácil e requer muito treino.

3.3. *Uma Igreja em saída*

No doc. 100, nº 318, a Igreja nos propõe: "é urgente ir ao encontro daqueles que se afastaram da comunidade e dos que a concebem apenas como uma referência para serviços religiosos. Ocasão especial para acolher os afastados pode ser a preparação de pais e padrinhos para o batismo, a preparação para o sacramento do matrimônio, as exéquias e a formação de pais de crianças e jovens de catequese. Todas essas situações supõem um olhar menos julgador e mais acolhedor, para receber aqueles que buscam a comunidade pensando apenas no sacramento. Se forem bem acolhidos, poderão retornar ou ingressar na vida comunitária".

A Igreja 'em saída' é uma comunidade de discípulos que primeiramente e que se envolvem, que acompanham e que frutificam e festejam. Ou seja, tomam a iniciativa e vão ao encontro dos mais afastados e excluídos; se envolvem, tocando a carne sofredora de Cristo no seu povo, contraindo o 'cheiro da ovelha', e estas escutam a sua voz; acompanham, conhecendo as longas esperas, com muita paciência, evitando deter-se a considerar as limitações; frutificam, assim como o discípulo que sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até o martírio como testemunho de Jesus, para que a sua palavra seja acolhida e manifeste a força libertadora e renovadora; por fim, festejam, celebram cada pequena vitória, cada passo em frente à evangelização.

Essa é uma Igreja que vai ao encontro das pessoas, sobretudo daquelas distantes e daqueles que se afastaram por diversos motivos. Diz o Papa: "é necessário sair. Sair das igrejas e das paróquias, sair e ir procurar as pessoas lá onde elas vivem e sofrem e onde esperam". O hospital de campanha, imagem com a qual gosto de descrever esta 'igreja em saída', tem a característica de estar onde se combate; não é a estrutura sólida, dotada de tudo, aonde se vai para curar as pequenas e grandes doenças. É uma estrutura móvel, de primeiros-socorros, de pronto atendimento, para evitar que os combatentes morram. É uma Igreja que redescobre as entranhas maternas da misericórdia e que vai ao encontro de tantos 'feridos' necessitados de escuta, compreensão, perdão e amor.

Uma Igreja que vive na 'fronteira', no sentido que vive na periferia, não conformista, que toma decisões inesperadas ou aparentemente absurdas, mas com experiência suficiente para confiar em suas decisões. A fronteira não é um lugar. É mais uma atitude positiva e aberta aliada a coragem e audácia. Para os padres, viver na fronteira é mergulhar profundamente na

comunidade a que eles servem e sair para ajudar todos os seus membros. Diz o Papa: “quando se trata de problemas sociais, uma coisa é fazer uma reunião para analisar a questão das drogas em uma favela e outra coisa bem diferente é ir lá, viver lá, conhecer o problema de perto e estudá-lo. Não se pode falar da pobreza sem ter vivenciado a pobreza, sem uma conexão direta com os lugares nos quais a pobreza está”.

Para chegar à fronteira é preciso sair da zona de conforto onde se encontra e visitar as pessoas onde elas se encontram e ser um sinal de esperança. É preciso ter o cheiro das ovelhas, ir ao encontro delas, como fazia Jesus, escutá-las e curar as suas feridas.

3.4 Uma Igreja testemunha

Testemunhar é viver de acordo com aquilo que se prega, porque mais do que mestres, o mundo precisa hoje de testemunhas. Diante das adversidades atuais, surgem tantos profetas da desgraça, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. Diante deste quadro, uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e mal-humorados desencantados. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos.

A respeito da homilia dos padres, o Papa afirma que a gente prefere escutar primeiro as testemunhas. Segundo o Papa, não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do evangelho. Se o pregador não se detém com sincera abertura a escutar a palavra de Deus, se não deixa que a mesma toque a sua vida, que o interpele, exorte, mobilize, se não dedica tempo para rezar esta Palavra, então na realidade será um falso profeta, um charlatão vazio. O Senhor quer servir-se de nós como seres vivos, livres e criativos, que se deixam penetrar pela sua Palavra antes de transmiti-la; a sua mensagem deve realmente passar através do pregador.

Existe uma grande diferença entre conhecer Jesus, como um estudioso, mas que pode viver muito bem sem as exigências que advém do seu seguimento. Ou então, viver as convicções que provêm do encontro com Jesus Cristo, sendo apaixonado por ele, por sua proposta e adequar a sua vida de acordo com a sua boa nova. As testemunhas influenciam, porque vivem aquilo que pregam. Na comunicação, nós falamos através daquilo que dizemos e através daquilo que fazemos e através daquilo que somos. Nada influencia tanto do que aquilo que somos. É a força mais poderosa da comunicação.

O Papa pede a conversão de todos, mas se coloca como o primeiro que precisa de mudança e transformação. O doc. 100 apresenta os bispos como os primeiros responsáveis por um bom andamento pastoral. Devem ser os primeiros entusiastas, desencadeando o processo de renovação das comunidades, especialmente na missão com os afastados, chamados a fazer da Igreja casa e escola de comunhão. Os bispos devem ser os animadores de uma nova mentalidade e postura pastoral, marcada pela cultura do encontro e da proximidade.

A respeito do presbítero, o documento afirma que ele é chamado a ser padre-pastor, dedicado, generoso, acolhedor e aberto ao serviço na comunidade. Em algumas comunidades,

encontram-se presbíteros desencantados e cansados que não influenciam a ninguém, pois falta-lhes o testemunho da alegria e do encanto pela boa nova. É fundamental a sua atualização diante das aceleradas mudanças que ocorrem na modernidade. A paróquia há de fazer a diferença no atendimento, começando pelo padre. Só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. A renovação paroquial requer novas atitudes dos párocos. O pároco precisa ser um homem de Deus que fez e faz uma profunda experiência de encontro com Jesus Cristo. Essa vivência de discípulo fará o pároco ir ao encontro dos afastados e sua comunidade. O pároco deve ser formado para ser servidor do seu povo, capaz de acolher bem as pessoas e exercer sua paternidade espiritual sem distinções.

O testemunho dos leigos também é determinante para acolher os que se afastaram da comunidade. É urgente desencadear um processo integral de formação, que seja programado, sistemático e não meramente ocasional, considerando especialmente a doutrina social da igreja. Assim os leigos e as leigas se compreenderão como sujeitos da comunhão eclesial e engajados na missão.

3.5. Uma Igreja mãe à imagem do 'bom samaritano'

A Igreja, segundo Francisco, deve mostrar o seu rosto materno, o seu rosto de mãe à humanidade ferida. Não espera que os feridos batam à sua porta, vai à procura deles pela rua, acolhe, abraça, cuida e faz com que se sintam amados.

Uma igreja a exemplo do bom samaritano, que vai ao encontro dos doentes e feridos de nossa sociedade. A nossa humanidade precisa tanto de misericórdia, porque é uma humanidade ferida, que possui feridas profundas. Falta a experiência concreta da misericórdia. Precisamos de misericórdia.

A figura do 'samaritano' é o modelo de quem vive imitando a compaixão do Pai do céu. O 'samaritano' vê o ferido no caminho, comove-se e se aproxima dele. É esta a primeira coisa a fazer: olhar atentamente os que sofrem, comover-nos e aproximar-nos. A compaixão não brota da atenção à lei ou do respeito aos direitos humanos. Ela desperta a partir do olhar atento aos que sofrem.

Em nossas paróquias e comunidades cristãs precisamos reler a parábola do bom samaritano em atitude de conversão. Todos e cada um precisamos escutar o apelo de Jesus: 'vai e faze tu o mesmo'. Ele nos convoca a construir comunidades samaritanas numa sociedade que parece não ter coração: comunidades que saem para a vida com os olhos muito abertos para ver os feridos das valetas; comunidades que não dão voltas para seguir seu caminho, ocupadas apenas com seus programas e interesses; comunidades que se comovem e se aproximam dos sofredores, sem perguntar se são cristãos ou não; comunidades que sabem vender feridas, curar vidas destruídas, acolher os que não conhecem o amor e nem a amizade.

Na sociedade atual as pessoas sofrem. Os padres tem à sua frente as ovelhas perdidas que Deus ama tanto e se não lhes demonstrarmos o amor e a misericórdia de Deus, afastam-se e talvez nunca mais voltem. Por isso, diz o Papa, os abracem e sejam misericordiosos com eles, sobretudo com aqueles que por diversas razões, não podem ser absolvidos e nem podem se aproximar da comunhão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRAMES Jeffrey, *Lidere com humildade. 12 lições do papa Francisco*, Editora Planeta no Brasil, São Paulo, 2015.

DOCUMENTOS DA CNBB, *Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, Paulinas, São Paulo, 2014.

DOCUMENTOS DA CNBB, *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*, Nº 93, São Paulo, Paulinas, 2010.

DOCUMENTOS DA CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil*, Nº 102, São Paulo, Paulinas, 2015.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL SOBRE A FORMAÇÃO DOS SACERDOTES, “*Pastores Dabo Vobis*” de João Paulo II, São Paulo, Paulinas, 1992.

FRANCISCO, *O nome de Deus é misericórdia*, Editora Planeta no Brasil, São Paulo, 2016.

PAPA FRANCISCO – Exortação apostólica *Evangelii Gaudium – A alegria do evangelho*, Paulinas, São Paulo, 2013.

PAGOLA José Antonio, *Voltar a Jesus. Para a renovação das paróquias e comunidades*, Vozes, Petrópolis, 2015.

FRANCISCO, *Misericordiae Vultus. O rosto da Misericórdia*, Loyola, São Paulo, 2015.